

Reconstruindo identidades múltiplas: imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo¹

Reconstructing multiple identities: portuguese and afro-portuguese immigrants in São Paulo

Zeila de Brito Fabri Demartini

Universidade Metodista de São Paulo
zeila@usp.br

Resumen

Nas décadas de 1970 e 1980 ocorreram fluxos migratórios de portugueses e luso-africanos das antigas colônias portuguesas da África em direção à São Paulo (Brasil), motivados pelas pressões políticas das difíceis e complexas realidades africana e portuguesa; cruzaram-se em suas histórias as vivências sócio-culturais de contextos muito distintos: 1) o contexto português colonizador; 2) o contexto de vivência africano, muitos tendo aí nascido e 3) o contexto paulista/brasileiro de adoção. Esse paper explora as complexas vivências do deslocamento e da inserção no novo contexto e os conflitos identitários que esse processo migratório e as novas vivências colocaram a esses imigrantes. Trata-se de um período recente, com poucos estudos que possibilitem uma melhor delimitação da problemática a ser pesquisada. Utilizamos o que denominamos de histórias de vida resumidas, pois nos pareceram mais adequadas para o tratamento do período considerado, pois não sabíamos o que os imigrantes iriam relatar. Tomamos alguns casos para exemplificar algumas situações encontradas. Através deles, podemos perceber que as memórias remetem a acontecimentos, pessoas e lugares dos três continentes, através de modos de construção conscientes e inconscientes, de identidades múltiplas.

Abstract

In the 1970s and 1980s, migratory flows of Portuguese and luso-Africans from old Portuguese African colonies towards to São Paulo were the result of the pressures of difficult and complex African and Portuguese politics. Three very different cultural experiences were in play: that of the portuguese colony, the african context, and the Brazilian character of the destination, Sao Paulo. This paper explores the migrant's complex displacement experiences, the insertion of the migrant into the new context and the conflicts of identity that this migratory process entailed. We concentrate on the recent past, which has not been extensively researched. We use a method we call "summarized life-histories", which seemed appropriate, as we didn't know what the immigrants would tell us. We present a number of specific cases to exemplify our analysis. Through them, we can see that memories refer to events, people and places from the three continents, through the conscious and unconscious construction of multiple identities.

¹ Uma versão previa se presentó como ponencia em el simposium "Nuevas identidades/alteridades en el espacio latino-euro-americano", del 52 Congreso Internacional de Americanistas (52ICA). Sevilla, julio del 2006.

Palabras clave: Migração; Historias de vida; *Keywords: Migration; Histories of life; Identities*
Identidades

Em nossos estudos, especialmente sobre os imigrantes em São Paulo, temos procurado adotar uma postura sociológica que nos permita realizar a “imersão” na realidade, como propõe Roger Bastide (1983), por ele denominada de “a poesia como método sociológico”. Já vimos estudando há vários anos alguns grupos de imigrantes que começaram a chegar a São Paulo a partir da segunda metade do século XIX, suas trajetórias, suas diferentes formas de inserção em território paulista e paulistano ao longo do século XX, as instituições às quais se vincularam (suas escolas, igrejas, hospitais, clubes etc.), assim como as transformações por eles introduzidas na metrópole de São Paulo (Demartini, 1997: 9-28). Tais estudos, a origem familiar e a convivência desde a infância com grupos de imigrantes os mais diversos, foram nos levando à produção de um conhecimento sobre imigração e imigrantes em parte diferenciados da produção brasileira mais presente especialmente no campo historiográfico; refiro-me aqui às explicações mais genéricas sobre as sucessivas levas dos muitos grupos que chegaram a São Paulo, que procuravam conhecer as suas causas comuns, as semelhanças nas características e nas trajetórias; procuramos, ao contrário, conhecer a diversidade de experiências que acompanharam os diferentes grupos de imigrantes. (Demartini, 2003).

A opção pela diversidade dos sujeitos/imigrantes conduziu-nos a novos fatos. Assim, conseguimos apreender aspectos antes insuspeitos da inserção de japoneses, portugueses e alemães em São Paulo: as várias motivações que os levaram a sair dos países de origem e a diversidade de situações vivenciadas nos primeiros anos da chegada, entre os que foram trabalhar em fazendas do interior do estado e os que procuraram trabalhar na área metropolitana, mesmo que em atividades rurais. Acompanhando diferentes sujeitos, observamos: a) as variadas estratégias por eles desenvolvidas para sobreviver economicamente, praticando no novo contexto atividades que já exerciam antes, ou aprendendo outras, que lhes eram mais rentáveis; b) as relações sociais que estabeleceram com os imigrantes do mesmo grupo e também as relações estabelecidas com os vários outros grupos sociais existentes na mesma época em São Paulo; c) instituições por eles criadas e as estratégias desenvolvidas por cada um dos grupos imigrantes para manutenção de suas culturas de origem, mesmo em períodos em que alguns grupos (japoneses, alemães e italianos) foram fortemente controlados pela política nacionalista do governo brasileiro e pelas pressões políticas da Segunda Guerra Mundial, como ocorreu nas décadas de 1930 e 1940; d) as mudanças ocorridas na cultura do grupo, no novo contexto e e) as vivências das gerações sucessivas das famílias imigrantes, com suas diferentes trajetórias, conflitos e representações identitárias, entre outros aspectos importantes.

Para desenvolver tais estudos, foi necessário enfrentar desafios de naturezas diversas. Concordamos com Enrique Santamaría (1998: 58) quando observa em artigo em que discute os estudos sobre imigrações, que:

“Todo conhecimento, guiado por uma decidida vontade de descobrimento, é, sobretudo e antes de tudo, uma deriva, uma viagem, um deslocamento, um extravio... que nos conduz, com o outro, ao desconhecido, a outros lugares insuspeitos e ignorados; é uma aventura, não um procedimento, um traslado que nos situa num mundo estranho, contraditório, aberto e imprevisível, no qual existe a possibilidade de que se precipitem, desenvolvendo-se e reformulando-se, as subjetividades com seus limites e potências. O conhecimento, regido pela lógica do

descobrimto, é um tipo de saber que, pretendendo ser nômade, vagabundo, introduz labilidade e fluidez em seus modos de proceder, desmata os lugares comuns, abandona os caminhos trilhados e a segurança do já adquirido e do já acumulado e, desta maneira, comporta sempre certa alteração, certo sair de si mesmo – embora o episódio que vem a seguir seja certamente um provisório e sempre frágil e cauto recolher-se que serve de descanso para os passos seguintes”.

Optamos, em tais estudos, pela postura que nos pareceu a mais adequada: a construção da problemática/questões, assim como a escolha dos sujeitos foi ocorrendo durante o processo de pesquisa, com a participação do próprio grupo imigrante. Trabalhamos sempre com a perspectiva da complementaridade entre as fontes de pesquisa; muitas vezes, essas fontes só foram explicitadas e vieram à tona a partir dos próprios imigrantes. Privilegiamos em nossos estudos sobre imigração os relatos orais obtidos junto aos imigrantes ou seus descendentes, considerando a diversidade acima explicitada; mas também incorporamos a documentação escrita existente sobre o grupo e aquela por ele produzida; as fotos, os espaços de vivência (construções, móveis, objetos etc.). Nesse processo de construção conjunta, trocamos os conhecimentos por nós e por eles produzidos; ouvimos de imigrantes e, principalmente de seus descendentes, observações a respeito de aspectos de suas culturas que estavam conhecendo através dos pesquisadores; de um grupo japonês que havia escrito a própria história, a observação elogiosa de que eles tinham uma outra história, as quais vivenciaram, mas que não se davam conta de sua existência, explicitada durante o processo de pesquisa, das questões a eles dirigidas.

Nestes processos de “mergulho” para conhecer os grupos, fomos nos transformando, questionando nossas próprias identidades. Fruto desta vivência em contexto de relações entre tantos grupos, o que seria para nós, sermos “brasileiros”? Que marcas carregamos dos vários grupos que foram constituindo a população paulista e paulistana? Nenhum deles viveu aqui isoladamente; as relações sociais foram múltiplas entre etnias, religiões, nacionalidades etc.

Assim, com estas mesmas preocupações empreendemos atualmente estudo sobre fluxos migratórios mais recentes para São Paulo, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Nesse período ocorreram fluxos migratórios de portugueses e luso-africanos das antigas colônias portuguesas da África em direção a São Paulo (Brasil), motivados pelas pressões políticas das difíceis e complexas realidades africana e portuguesa, além das econômicas, que os diferenciaram das levadas migratórias anteriores. No caso específico desses imigrantes, cruzaram-se em suas histórias as vivências sócio-culturais de contextos muito distintos: 1) dado seu pertencimento à famílias de origem portuguesa, o contexto português colonizador como referência; 2) o contexto de vivência africano, muitos tendo aí nascido e 3) o contexto paulista/brasileiro de adoção.

Esse paper pretende explorar as complexas vivências do deslocamento e da inserção no novo contexto, os conflitos identitários que esse processo migratório e as novas vivências colocaram aos imigrantes. Busca-se compreender, através de suas memórias, como os imigrantes vão reconstruindo esse processo, que tem como referência três diferentes contextos sócio-econômico-político-culturais.

Trata-se de um período recente, com poucos estudos que possibilitem uma melhor delimitação da problemática a ser pesquisada, assim como a localização de fontes de informações; assim, em virtude das pesquisas anteriormente citadas e considerando as especificidades desses novos fluxos, optamos pela utilização de fontes orais, paralelamente a fontes documentais e literatura sobre o período. Nesta direção, trabalhar com as biografias dos imigrantes provenientes da África

apresentou-se como um caminho bastante promissor para o desenvolvimento de questões sobre estes períodos de mudanças. Utilizamos o que denominamos de histórias de vida resumidas, pois nos pareceram mais adequadas para o tratamento do período considerado. Não sabíamos o que os imigrantes iriam relatar (em verdade, nunca sabemos com antecedência e há poucos estudos sobre estes temas, como já apontamos) e, ao optarmos pelas histórias de vida, poderíamos aprofundar ao longo das entrevistas as temáticas que nos parecessem mais importantes ao esclarecimento das questões (Demartini, 2005). Numa aproximação mais antropológica, procuramos restaurar aos atores um papel ativo em promover e gerenciar as mudanças a eles referentes, isto é, verificar a complexidade nas análises e situações realizadas.

Relembramos aqui, ainda, as observações de outros estudiosos sobre esse período histórico relativamente ao contexto europeu e ao africano, chamando a atenção para os raros estudos sobre Portugal e suas colônias, tanto antes como depois do 25 de abril de 1975. Nunca é demais lembrar Eduardo Lourenço (1999: 139), escritor e ensaísta português, que fala sobre a quase inexistência de literatura – de qualquer natureza, sobre Salazar e o período de cerca de meio século em que foi o dirigente máximo de Portugal e de suas colônias na África; segundo ele, “(...) desapareceu tudo o que respeita à África”.

Nestas circunstâncias, tentar apreender as memórias daqueles que participaram de alguma maneira do processo migratório tornou-se ainda mais premente, considerando também que muito pouco foi pesquisado pelos próprios povos africanos das colônias portuguesas, sobre suas histórias.

As memórias dos sujeitos para o estudo de processos de deslocamento e de inserção em novos contextos tornaram-se fonte privilegiada, pois as memórias remetem a pessoas, lugares, tempos, sentimentos, cheiros, sensações etc. as quais seria difícil tomar conhecimento por outras vias. Ao falar sobre suas lembranças, os sujeitos parecem se inserir novamente naquele momento/espço lembrado, com todas as marcas que dele carregam.

Os relatos orais das pessoas envolvidas nos remetem tanto aos contextos de partida, como aos contextos de adoção, importantes para a compreensão das experiências vividas. Abdelmalek Sayad (2000: 14) já chamou a atenção para essas questões, ao afirmar que:

“Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos”.

No caso desses processos vivenciados por imigrantes de países (colônias) africanas, o contexto de partida e de destino tornou-se para nós muito mais difíceis de serem definidos, pois os três continentes foram envolvidos ao longo das experiências. As memórias de cada sujeito foram nos levando a percorrer caminhos múltiplos de idas e vindas entre Portugal-África, África-Portugal, Portugal-Brasil, África-Portugal-Brasil, Portugal-África-Brasil... Como definir o contexto de partida? A que nação de origem os portugueses e descendentes residentes em colônias portuguesas na África se referiam como **sua terra**?

É preciso lembrar que o interesse em pesquisar processos migratórios envolvendo famílias portuguesas que vieram de regiões da África foi fruto de um encontro, ainda em final da década de 1990, com uma jovem advogada; ao comentar seu nome, indagando se a mesma era de origem

portuguesa, a resposta, emocionada, foi: “Sou africana”. Em seguida, esta imigrante, vinda durante o período conturbado de 1975, contou sobre suas experiências nesse processo, resumindo em uma frase: “Vocês não sabem como é difícil ser africano!”

Para além dos estudos anteriores que já havíamos realizado sobre imigração portuguesa e outras, penso que foi este encontro que nos motivou nessa nova pesquisa, em que a palavra “**difícil**” esteve sempre presente. Ao lidarmos com as memórias desses imigrantes, de levadas recentes e situações de deslocamento forçado, mesmo quando por opção dos próprios envolvidos, sabíamos que lidar com suas memórias envolveria resistências, silêncios etc.

Alessandro Portelli (2002), ao discutir a temática da memória, observa que:

“Assim sendo, o marco das memórias possíveis é, ao mesmo tempo, infinito, pois não há um limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico. Desta forma, quando falamos dessas memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar como uma ferramenta comparativa e estatística, porque há coisas que são compartilhadas e que se pode relatar, mas há outras coisas que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais” (Almeida e Koury, 2001-2002: 32).

Entre o infinito e o finito das memórias possíveis, no caso destes imigrantes, muitas tensões, conflitos, separações, perdas, encontros, emoções... memórias, para além de traumáticas, “doídas”.

Seria impossível tratar aqui do processo de realização das várias entrevistas e o que estas memórias sobre vivências ainda muito recentes representaram no momento mesmo de sua obtenção e como colocaram a nós, pesquisadores, indagações sobre as mesmas. Foram muitos os casos, marcados por subjetividades, sentidos e emoções diversos, que é preciso considerar. Nessa direção, concordamos com Michael Pollak e Nathalie Heinich (1986: 12), quando observam:

“(…) une enquête d’histoire orale ne permet aucunement de rendre la parole à ceux qui se sont voués au silence, ni de combler ce silence par des interprétations hasardeuses. Néanmoins l’enquête fait apparaître les contraintes structurelles qui sont à l’origine d’un silence, ainsi que les fonctions qu’il assume. Mais, pour ce faire, il faut se démarquer de certains présupposés naïfs de “l’histoire orale” et intégrer dans le travail d’interprétation tous les matériaux rassemblés, les entretiens “réussis” ou “ratés” et les refus, autrement dit, intégrer dans l’interprétation les difficultés rencontrées dans l’enquête. En effet, la situation de l’entretien elle-même est, tout comme l’écrit autobiographique, un moment de témoignage et de reconstruction de son identité pour la personne interviewée, qui façonne la négociation préalable à toute rencontre et la délimitation des écrits demandés.”

O processo mesmo de localização e contato com possíveis entrevistados foi complicado e demorado. A “sensação” que nos acompanhou ao longo desse trabalho foi a de que as pessoas, mesmo as que estavam sendo entrevistadas, não se julgavam com plena liberdade para indicar algum amigo/conhecido que havia imigrado. Se a imigração portuguesa em São Paulo caracterizou-se historicamente pela sua invisibilidade, até na produção acadêmica (Demartini, 2003), no caso da presente pesquisa parecia haver um certo receio, uma

preocupação em que estes imigrantes permanecessem no anonimato, embora muitos deles fossem presenças marcantes na sociedade paulistana. A pergunta, explicitada ou não, era: “Será que ele vai querer falar?” Esse medo, que já era formulado não pelo próprio imigrante abordado, mas por outro, já nos dizia muito da identidade desses imigrantes: marcados pelos deslocamentos forçados, sem quererem ser identificados com os mesmos. Novamente Pollak e Heinich (1986: 4):

“Entre celui qui est disposé à reconstruire son expérience biographique et, aux qui le sollicitent de le faire ou sont disposés à s’intéresser à son histoire, s’établit une relation sociale qui définit les limites de ce qui est effectivement decible.”

Em outro interessante artigo, Pollak (1986: 52) discute as implicações do silêncio na gestão da identidade, tendo constatado que:

“(…) C’est ainsi que l’individu par un travail d’identification fait coïncider son propre sens de soi, son identité, avec ce qui est socialement considéré comme normal”.

Trabalhar com as memórias de situações de deslocamento recentes, especialmente difíceis como estas enfrentadas nos períodos pré e pós-revolucionários em Portugal e em países africanos, implica em manter uma vigilância constante sobre todo o processo e sobre as narrativas obtidas (Nóvoa, 2001).

Este foi o desafio maior com que nos defrontamos: como analisar narrativas produzidas por pessoas com vivências de fatos comuns, mas tentando apreender os sentidos/significados a eles atribuídos? Como explicaram as circunstâncias que os levaram à imigração “forçada”? Como vêm a si próprios? Como representaram suas trajetórias, seus projetos interrompidos e suas vidas reconstruídas? Como viam o Brasil? E Portugal? E as colônias africanas?

As memórias dos entrevistados, obtidas sob a forma de relatos orais remetem a lugares, pessoas e acontecimentos (Pollack, 1992); as narrativas permitem verificar como os continentes se cruzam na construção destas memórias, construídas individual ou socialmente. Seja vindos diretamente das “colônias” africanas para o Brasil, seja de Portugal para a África e para o Brasil, ou da África para Portugal e para o Brasil, os entrevistados fazem referências a estes lugares tão distantes, mas tão próximos quando pensam em suas vivências.

O sentimento de identidade está aí presente. Lembramos aqui que os relatos foram obtidos cerca de 30 anos após os deslocamentos, ganhando assim novas significações quando os consideramos. Pensamos ser diferente quando o imigrante afirma, logo após o processo de deslocamento, “sou português”, “sou africano”, e quando esta identidade é reafirmada logo no início das narrativas, muitos anos depois, em outro contexto. Esta é uma questão que para nós permanece em aberto: poderia indicar uma forma de resistência ao deslocamento forçado?

Retomamos aqui novamente Pollack (1992: 204-205) e suas observações sobre memória e identidade, e que nos auxiliam na reflexão sobre as memórias desses imigrantes; esse autor observa que:

“Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um

fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”.

Tomaremos aqui apenas algumas histórias de vida de mulheres e homens para refletir sobre as memórias destes imigrantes: vieram nos anos de 1970 da África tendo ou não vivências em Portugal. Através de suas narrativas, procuramos destacar as referências à pessoas, lugares e acontecimentos que constituem suas memórias e que evidenciam seu sentimento de identidade (Pollack, 1992).

A primeira é ML, que inicia seu relato assumindo: “sou portuguesa”:

(...) Tenho 58 anos, sou portuguesa. Nasci em Portugal, mas fui com 5 anos para África, mais precisamente Moçambique. Morei em Moçambique por aproximadamente 23 anos, onde fui criada, casei, tive lá dois filhos e com a situação da guerra em África, acabei vindo para o Brasil por intermédio de um tio que aqui tinha e comecei de novo minha vida aqui. Eu tinha 27 anos quando vim para o Brasil. Faz precisamente 30 anos que estou no Brasil. Nesta altura, meus filhos eram pequenos, nasceram em África, vieram ainda garotitos e estou há 30 anos no Brasil. Tinha um tio aqui. (...) Meu pai foi para a África e começou a trabalhar com serração. Em função disto, teve tuberculose e minha mãe, que tinha ficado com as filhas em Portugal, foi para ter com ele. A viagem durou 23 dias, de navio. Nós viajamos quase no nível da água, naquela parte do navio que era destinada aos colonos. Não tínhamos dinheiro, nem o que comer. Minha mãe chegou e meu pai morava em um quarto, com apenas um colchonete. Com muito trabalho, minha mãe transformou tudo aquilo. Eu e minha irmã mais nova fomos mandadas para um colégio interno. Minhas irmãs mais velhas foram trabalhar. (M.L.).

Sua referência primeira é a Portugal, embora tendo de lá saído com apenas cinco anos.

Já no início, a **guerra**, acontecimento decisivo nas trajetórias e nas memórias – é mencionada.

(...) Nos quarenta anos em que ele esteve em África, meu pai nunca voltou. O desejo dele era permanecer em África. Moçambique oferecia tudo que nós

precisávamos. Com a guerra, saímos com a roupa do corpo e deixamos tudo para trás. E uma coisa que não dá para se conformar, com o governo português, que nos abandonou à sorte. (...) Olha, para quem saiu de uma guerra, a ditadura no Brasil era o de menos, porque houve muita violência em Moçambique. E se tem uma coisa que tenho mágoa com o governo português é terem nos virado as costas porque enquanto foi interessante receber dinheiro pelos negros que trabalhavam nas minas de ouro na África do Sul, tudo bem, mas... (fica emocionada) te digo que eu mesma vi várias vezes no aeroporto pilhas e pilhas de barras de ouro que eram enviadas a Portugal. (M.L.).

Sobre o 25 de abril:

(...) Lembro-me que eu, meu marido e as crianças havíamos ido ao Drive-in. E quando voltávamos para casa, meu marido que sempre tinha o costume de ouvir a rádio, ligou o rádio e anunciaram que os rebeldes haviam tomado conta e nós, prontamente mudamos de direção e fomos nos reunir com outros portugueses em uma praça, para nos protegermos. Outras pessoas que não mudaram de direção, acabaram morrendo porque o confronto foi muito violento, atearam fogo nos carros, nas pessoas e qualquer branco era facilmente atingido. Foi terrível. (M.L.).

Ao comentar sobre a Guerra e o que ela representou de mudanças drásticas para sua família, as críticas recaem sobre o governo português “que nos abandonou à sorte”. O nós, aqui, parece indicar um forte sentimento de pertença à nação portuguesa, enquanto colonos que viviam na distante Moçambique.

Entre as conseqüências da Guerra e da saída forçada, as memórias remetem à desestruturação do grupo familiar, além da perda de bens:

(...) Foi exatamente por circunstância da guerra, não é? Nós éramos uma família numerosa, éramos seis filhas. Todos vivíamos em Moçambique, com exceção de uma delas que vivia no Zimbabuê, próximo de Moçambique, nós estávamos sempre juntas, em família, com meus pais. E com a guerra em África, a família dispersou. Eu vim para o Brasil, uma irmã foi para a Alemanha, outra foi para a África do Sul, uma para os Estados Unidos. (M.L.).

É interessante observar que o “nós” referido ao povo português aparece com ênfase maior quando a comparação se estabelece com os “outros”, os moçambicanos:

(...) Então nós tínhamos só aquele quartinho e o meu pai internado no hospital e sem nenhum tostão para comer. Nós não tínhamos estudo. Nada. As minhas irmãs todas têm só a 4ª série. Elas não estudaram. Então eles também não faziam porque não queriam, vê bem. Eles não se propunham a fazer. Nós, sim sempre fomos muito desbravadores, muito lutadores naquilo que a gente quer. (M.L.).

Embutida na afirmação, todo o imaginário do povo português batalhador e conquistador, em comparação com os negros moçambicanos e com brasileiros, com os quais passou a conviver depois:

(...) A mim, ninguém me deu. Fui eu que lutei e foi ele que lutou também. Entendeste? Eles não fizeram porque também não queriam, como também acho que há muita gente que está na favela porque quer estar. Vá trabalhar filho! (M.L.).

P – Na sua opinião, você acha que o negro assume um pouco esse lugar de coitado?

(...) Assume. Eu acho. Eu acho, mas vou te dizer sincero. Sou contra o que ele (amigo) falou, talvez ele não tenha conhecimento de causa como eu tive, que convivi com eles. Eu estive com eles 23 anos. O negro saía da casa do meu pai e ia ao bar e gastava tudo. Quantas vezes minha mãe disse: “Não pago. Vou guardar o teu dinheiro.” E ele ficava amuado e no dia seguinte não vinha trabalhar. (...) E eles iam para o bar e bebiam até cair. Não guardavam nada e muitas vezes minha mãe brigava: “Não vais levar o dinheiro porque depois tua família não come”. Eu comparo muito com muita gente aqui. E não são negros. A raça é tudo igual, não importa. São as mentalidades das pessoas. Eu acho que são as mentalidades. Se tu estás com dificuldades, vá à luta, seja o que for, mas tu consegues trazer. Agora, tem muitos que não tem e se põem a beber. Encostam-se e não querem saber da família, não querem saber de nada. A gente não pensa dessa maneira. Não é de uma forma que a gente vai ganhar dinheiro e outra, mas ganha honesto. Eu comparo muito o negro nesse sentido, mas também te digo que o negro nunca passou fome em nossa terra. Nunca. O negro era bem tratado. (...) O negro não tinha porque não queria. Há muitos que não querem trabalhar e eu não concordo com determinadas coisas. (M.L.).

Mas a vivência desde a infância em Moçambique, cheia de alegrias e tranqüila até o 25 de abril de Portugal e a mágoa sentida com relação ao governo português, marcaram de alguma maneira a identidade “portuguesa” – a percepção de que não eram iguais aos demais portugueses que residiam em Portugal, seja pelo tratamento recebido enquanto cidadão, seja pela maneira de ser moçambicana:

(...) Eu tinha uma conhecida que trabalhava na TAP e pedi a ela que providenciasse passagens para mim, para o meu marido e para as crianças. Ela só conseguiu três passagens para Portugal, então saí de lá com os filhos e fui para Portugal, para a casa da minha sogra, que eu não conhecia, e meu marido foi para a África do Sul e depois de três meses foi encontrar-nos em Portugal. (M.L.).

P – E como foi à chegada em Portugal?

(...) Usaram um termo que considero inapropriado. Chamaram-nos de “retornados”, mas nós não éramos retornados. Eu vivi toda minha vida em Moçambique, e Portugal para mim era uma coisa distante. A relação com a minha sogra foi difícil porque não tínhamos intimidade e para quem estava em Moçambique, chegar em Portugal é estranho, aquela deferência toda. (M.L.).

Uma identidade construída na intersecção dos traços da cultura portuguesa de origem, permeada pelas vivências moçambicanas, que aproximaram a imigrante do “brasileiro”, para ela mais próximo: “O jeito do moçambicano é muito parecido com o do brasileiro, sem tanta

formalidade”. Entre morar em Portugal ou no Brasil, a opção pelo último, pois os costumes em Portugal “são diferentes. Não é a mesma coisa”.

Se o relato começou com a afirmação “sou portuguesa”, ele termina com a constatação pela entrevistada de que ela é diferente dos portugueses de Portugal. Suas referências são à nação portuguesa e à terra de Moçambique (nossa terra), mas sua aproximação é com o povo brasileiro.

“O sujeito constitui-se a si próprio mediante o seu confronto tanto com sua imagem especular, quanto com o “outro”, em um processo contínuo de transformação. Aqueles que lembram são os indivíduos, que revisam lembranças fragmentadas e desconectadas de acordo com narrativas consolidadas coletivamente. Se a memória de um indivíduo é diferente da memória de seu irmão, de seu amigo, isto ocorre porque cada indivíduo confronta-se, durante seu percurso de vida, com uma complexidade única de situações”. (Santos, 1998: 155).

O segundo exemplo é o de C.C., que inicia seu relato afirmando:

(...) Sou africana, já sou filha de africanos. As minhas bisavós já foram para a África. As minhas avós eram crianças e os meus avós é que eram já adultos quando foram, não é? Então os meus pais já são africanos, eu sou africana e se não tivesse vindo para cá, provavelmente os meus filhos seriam africanos. (C.C.).

A entrevistada enfatiza em sua narrativa a convivência cotidiana com o povo negro, que chama de indígena:

(...) porque nós morávamos numa região em Angola que não era no centro da cidade, em Luanda, não era no centro da cidade, era num bairro e nesse bairro, onde todos eles tinham sido criados e tinha muito o pessoal indígena, não é? Então era uma coisa mais afastada, então sabe, tinha todas aquelas pessoas, quer dizer, maioria negra que tinham as suas casas e ficavam ali, tudo muito próximo e que eles iam à casa dos meus avós, não tinha água encanada, não tinha nada, luz, na casa deles e tudo o mais, então os meus avós forneciam a água para eles ao preço que era cobrado deles, mas que era uma forma, que eles iam à casa dos meus avós pegar a água e então quer dizer assim, a lavadeira, o pessoal, todo mundo me conhecia, tinha o mercado indígena próximo, então nós éramos conhecidos. (C.C.).

A identidade angolana aparece em vários momentos, quando se ressentiu por não conhecer a história de Angola, não ter aprendido a falar o kimbundu, sofrer com a pobreza e a miséria do povo angolano; assim:

(...) Agora a minha mãe, algumas pessoas da minha família falavam... kimbundu. Não era o meu caso... Aquela época que era aquela coisa, você nunca acha que você vai perder, depois você cresce, não é, eu acredito que se eu tivesse continuado lá, eu como adulta, eu teria ido atrás, mas... naquele momento sabe é tanta coisa. Sabe, a sensação que eu tenho, acho que é a de que nós vivíamos num paraíso e não sabíamos. Não sabíamos porque não tínhamos vivido em outro lugar. (C.C.).

P – E quando foi que você começou a sentir que não era mais esse paraíso?

(...) Quando eu perdi. (Chorando) Eu só soube quando perdi. E o que eu lamento profundamente, isso é uma mágoa, mas é uma mágoa porque não me fizeram nada, que eu acho que o que me fizeram foi duro, mas o que fizeram ao meu povo foi muito pior. E isso é uma tristeza muito grande sabe, e essa política não humanitária, em que o meu povo nunca passou fome; precisou ter uma revolução para passar fome. Meu povo sempre teve escola. E a guerra em Angola não vai acabar tão cedo. (...) Não que eu seja vidente, não, nada disso, mas eu te pergunto, homens, hoje, homens, adultos que a escola deles foi aprender a matar, como é que eles vão trabalhar, fazer uma outra coisa que eles não saibam fazer? Eles só vão querer matar. Ou pelo menos, usar arma. É muito difícil. Eu leio, sempre que eu posso, alguma coisa, eu não sei se você conhece um autor africano que é o "Pepetela"? O livro dele que mais me marcou foi "A geração da Utopia". E eu me vi naquilo. Eu vi a verdadeira Angola se desfazendo a todo dia. Agora, é um mundo, não é, essa Angola, muito compacto, acho que é tudo uma contingência, não é, (chorando) e isso é o que me custa, porque eu nunca vi o meu povo passar fome, eu nunca vi uma criança abandonada em Angola. Você pode dizer: "Se há condição, então, todo mundo era rico, todo mundo vivia bem..." (C.C.).

Mas o paraíso tinha seus problemas, acentuados pela guerra:

(...) Na ocasião eu saí em agosto. A revolução já tinha sido em 74. Já tínhamos passado por toda aquela guerra civil. Foi terrível. E eu me lembro de ter empregados, cinco que apareceram em casa, estavam fugidos, assim e tal e chegar, "o que a menina está a fazer aqui? A menina tem que ir embora" "A menina vai voltar, mas agora não" "Porque eles vão fazer a mala da menina". Porque de repente virou uma coisa, a mulher do branco é nossa, não esqueça que eram slogans colocados para instigar a população, não é, que era uma guerra entre eles, mas você tem que dar algo em troca. Isso não era uma coisa que era do povo que tinha até então. Dizia-se: "Ah, então não tinha racismo?" Claro que tinha. Onde é que não tem racismo? Tem em toda a parte. Vai dizer que em Angola não tinha racismo? Claro que tinha. Eu mesmo, na minha família, tinha pessoas que eram racistas, mas isso não significava que todos eram racistas e que também havia pessoas que não eram racistas. Quer dizer, que era um paraíso porque só tinha coisas boas? Não, também tinha as suas coisas ruins, mas nada de tal forma exacerbada... não é, que não houvesse uma compensação do outro lado. (C.C.).

A diferença com relação a Portugal e o seu povo manifestaram-se em vários momentos, mas com muita ênfase também quando fugiram de Angola para lá:

(...) Era uma coisa que eu não sabia o que é que estava acontecendo. Só que eu vinha de uma guerra. E vindo de uma guerra, aquilo que você já presenciara, na televisão, que todo mundo presencia, das bombas e tal, eu vinha desse ambiente, então de repente, olha, acabou a guerra, o Antônio conseguiu um emprego, em Portugal ainda estava aquele... aquele, apesar de ter passado em Portugal, ainda aquele movimento da revolução, em que nós não éramos aceitos pelos portugueses, éramos retornados, e eu não conseguia entender o que era este "retornado", que eu não tinha saído de lá, como é que eu era retornada? Eu era refugiada, retornada jamais! Talvez alguns que fossem portugueses que morassem

em Angola, estavam retornados. Eu não estava retornada para coisa nenhuma, não é? Então eu estava uma apátrida, a gente não sabia, não tinha emprego, em Portugal, não tinha lugar para ficar. (...) eu cheguei a Portugal e eu fui execrada, no sentido que logo na minha recepção, quando eu desembarquei no aeroporto em Lisboa, foi ter uma manifestação de comunistas, do PC, partido comunista português, uns baderneiros, porque isto eu sei que eram, não é, em que gritavam: "Roubaram os negros, agora vão roubar os brancos! Vão embora para vossa terra!" Eu não tinha roubado ninguém, e eu não era retornada. (...) Um choque, decepção total, porque nós estávamos sendo colocados de uma determinada forma que não batia, eu dizia: "Gente, o que é isto? O que é que está acontecendo?" E sem contar que tinha ficado em Angola, aquela coisa, quer dizer, nós já tínhamos um ano debaixo da guerra, então a tua cabeça já está completamente... desestruturada. Você está emocionalmente desestruturada. (...) E quando eu vou a chegar e que, já, digamos a sair do aeroporto, no saguão, que vejo aquela manifestação na rua, veio uma senhora, portuguesa, toda de preto, em que a bagagem dela era um saco, uma sacola do Pão de Açúcar, com quatro crianças pequenas chorando, agarradas às saias dela e ela quando viu aquilo, voltou para trás, e disse: "menina, menina, eles vão nos matar também!" (C.C.).

A forma como foram recebidos em Portugal, onde não conseguiram ficar e a recepção e inserção no contexto paulistano permitiram construir representações opostas dos dois povos:

(...) Aquela imagem, está recente até hoje. Não vou esquecer o resto da minha vida. E eu chego ao Brasil, e o Antônio foi me pegar ao Rio, me diz que há uma força tarefa, nas galerias Prestes Maia, que tratava de todos os nossos documentos; ele me diz que a Casa de Portugal tem algumas cartas de empresários brasileiros se propondo a dar-nos emprego. Então, eu cheguei num domingo e na quarta-feira eu estava trabalhando. (...) Isso para mim não tem preço. Eu jamais vou esquecer de fato aquilo que foi feito. Vão dizer assim: "Ah, te deram tudo!" "Não!" Deram a chance de eu construir a minha vida. Eu passei fome durante este tempo? Passei, porque o que eu ganhava era muito pouco, mas eu tive uma carteira de trabalho. (...) por isso eu te digo, eu considero o povo brasileiro, um dos povos mais solidários que eu já conheci. É um povo solidário. Porque eles abriram-nos as portas deste jeito. Eu não parei de trabalhar em momento algum. Eles me deram uma carteira provisória, era um trabalho temporário, ganhava pouco? Era, mas tudo bem. (C.C.).

Em um trecho de sua narrativa, C.C. explicita o seu sonho – o de prestar trabalho voluntário em Angola, com os mutilados de guerra, sintetizando então seus sentimentos de pertença:

(...) Então, eu tenho isto, sabe, esta coisa: Angola é minha terra, eu sou angolana, portuguesa por passaporte, entendo o pessoal de Portugal, entendo Portugal, mas eu não sou portuguesa de fato, eu não sou, eu não tenho uma cabeça como eles, eu tenho uma visão de mundo diferente, sou brasileira por opção, não é, e não vivo em outro lugar, se me permitir, ou Angola ou Brasil, claro que eu tive 30 anos quase que eu estou no Brasil, dificilmente eu me iria mudar, viver em Angola, quando eu já construí toda uma vida aqui. (C.C.).

Novamente os deslocamentos levando às aproximações e afastamentos, a novos processos de identificação.

O terceiro exemplo é o de A.R., entrevistado que procura manter contato com os milhares de angolanos espalhados pelo mundo, através da internet. Logo no início da entrevista, já fala de Lubango (Angola), como “a minha cidade, cidade onde eu nasci”; também do projeto de voltar a Angola, considerando que com a paz recente não corre risco de emboscadas. O pai (depois a mãe) foram para Angola nos anos de 1950, para tentar melhorar de vida, pois no final da Segunda Guerra Mundial a situação em Portugal estava muito ruim. A família foi direto para Lubango, onde já havia pessoas e parentes da mesma região de Portugal. Ele nasceu alguns meses depois que chegaram à Angola, a mãe veio grávida. Pelos relatos pode-se perceber que a inserção da família em Angola foi completa, afastando-os de Portugal. Como A.R. afirmou:

(...) o meu pai vendeu tudo que tinha em Portugal, e nunca voltou a Portugal depois que migrou para a Angola. Ele não tinha condições, por um lado, no começo, mas depois nunca teve grande vontade de voltar para Portugal. O pai dele, o meu avô tinha falecido, minha avó tinha falecido, ele tinha os irmãos lá, mas ele não tinha irmãos aqui no Brasil? Então ele nunca teve assim uma grande vontade de voltar a Portugal. E, então, naquela indefinição assim de o que que você é? quem é você? Eu me via muito mais, eu e meus irmãos, nós nos víamos como angolanos. O laço afetivo com Portugal era muito pequeno. (...) Sabe, porque o estilo de viver em Angola, como a gente tinha em outras colônias, ele era muito mais liberal, muito mais aberto do que em Portugal. Portugal, até o próprio Fernando Pessoa, ele tem um texto em que ele fala disso: certo provincialismo que existe. Talvez, até por ser um país tão pequenininho, as pessoas se metem muito na vida umas das outras, e tal. E Angola era um país novo, tudo por construir. As pessoas não estavam preocupadas com a vida do Zé, do João, do Francisco. As pessoas queriam é cuidar da sua vida e desbravar terrenos, fazer tudo que fosse preciso fazer. Então eu me via, eu nunca me vi, nunca me lembro de ter pensado em migrar, tanto que eu resisti até a última hora. (A.R.).

A resistência para imigrar não foi suficiente para mantê-lo em Angola, pois as contingências da guerra se impuseram:

(...) Quando em 75, eu estava em Luanda, na capital, com meu irmão mais velho estudando e começou a guerra civil, então nós ficamos uma semana sem contato com a família que estava em Luanda e meu pai ficou, começou a ficar preocupado com essa situação, o que ia acontecer, o que não ia acontecer e mandou uma carta, que acabou chegando na república onde eu morava na época e com essa, foi com essa carta que ele pedia que a gente voltasse para casa porque tinha que discutir o que a gente ia fazer. Por acaso, era próximo das férias de junho e julho, aí nós voltamos e entretanto, o país já estava numa guerra civil só, não é. E um dia nós estávamos discutindo o que faria o que não faria. Eu e meu irmão éramos contra sair de lá e a gente queria ficar. Meu pai preocupado mais com a segurança, mas não estava muito convencido de que iria sair ou não iria sair e estávamos lavando o carro. Tinha uma espécie de uma perua, estava assim, no quintal, lavando o carro e conversando batendo papo e de repente passou um morteiro, de uma arma de alguém que tinha disparado que explodiu na casa do vizinho em frente e isso foi a

gota d'água, meu pai falou assim: "isso aqui não tem segurança mais, o negócio é ir embora". (A.R.).

P: Morreu muita gente?

(...) Talvez menos do que se pudesse imaginar. Mas, teve muita gente que morreu durante esse período. Não, neste dia não morreu, porque bateu numa parte da casa que não tinha ninguém e tal, destruiu um pedaço, mas não morreu ninguém, mas o simples fato de você estar numa cidade e vindo você não sabe de onde um morteiro que rebenta, sabe? Por sorte não morreu ninguém, podia ter morrido, se batesse no carro? Ele passou voando assim, por cima de nós. Se batesse no carro, explodia o carro, aquele efeito de gasolina e tal. Poderia ter morrido muita gente. Mas, esse foi assim a gota d'água que fez com que ele se decidisse se a gente ia embora. Eu e meu irmão mais velho, a gente tinha muitas dessas discussões que estavam acontecendo na Universidade. Muitos colegas já tinham saído, alguns que, antecipadamente, quando houve o 25 de abril em Portugal em 74, muitos já perceberam que a coisa já poderia degradingolar e os pais tinham já saído, tinham voltado para Portugal, tinham ido para outro lugar. Então, na Universidade tinham algumas discussões a respeito: "onde é que eu vou, onde é que eu não vou". Nós tínhamos uma intenção de voltar para a Europa. Ir para a França ou qualquer outro lugar, por causa de continuação de estudos. (...) Mas aí, em função de idioma, a gente disse assim: "bom, o pai e a mãe ainda estão em idade de trabalhar. Vão aprender um idioma, nessa idade, aos 50 anos, vão para a França aprender francês, vão para outro lugar?" Então, como a gente tinha esse tio aqui no Brasil, o meu pai escreveu para ele e o meu tio falou na hora: "venha". (A.R.)

É interessante chamar a atenção para o fato de que o entrevistado era favorável ao movimento de libertação de Angola e, como estudante universitário, participava do mesmo. Segundo ele, havia na população de Angola um desejo latente de libertar-se de Portugal.

(...) Era assim, algo que estava latente que em algum momento se fosse, via Marcelo Caetano ou fosse qualquer outro, que o pessoal iria brigar por uma independência em Angola, não tenha a menor dúvida. A separação com relação a Portugal era mais do que esperada, e sonhada pelo pessoal que morava lá, porque ficava evidente que Portugal naquele momento, pelo regime que tinha em Portugal, era um freio a Angola como se desenvolver. Era um desejo de liberdade, mesmo, de dizer assim: "olha esse país é grande demais para ficar ligado a Portugal. (A.R.).

Assim como outros, também é evidente o ressentimento pela forma como Portugal considerou a população angolana no processo de libertação.

(...) Até hoje, a grande maioria do pessoal não aceita a maneira como Portugal tratou a emigração, a descolonização. Portugal não levou em consideração quem era angolano, que estava em Angola ou Moçambique ou Guiné Bissau, em qualquer lugar. Passou, até porque era o partido comunista que estava gerenciando Portugal, na época. Passaram a considerar como únicos elementos para negociar a descolonização, os movimentos ditos de libertação. A população local nunca foi escutada, nem branca, nem população local, mesmo. Nunca foi ouvida no processo. Para você ter uma idéia... em 75, nenhum dos movimentos de libertação em Angola

tinha mais do que 100, 200 pessoas capacitadas e gabaritadas para tomar conta do país. (A.R.).

Mas a crítica recai principalmente sobre os movimentos de libertação, que, segundo A.R., não sabiam o que era Angola. “Eles não sabiam, eles não existiam dentro de Angola, estavam todos no exterior”. Assim:

(...) Então, realmente, nenhum dos movimentos tinha noção do que iria encontrar. E obviamente, não tinham quadros para administrar um país com as dimensões que tinha Angola, naquela ocasião. (A.R.).

No deslocamento para o Brasil vieram todos da família, mas, anos mais tarde, alguns foram para Portugal: em 1990 voltaram o pai e a mãe, depois um irmão e uma irmã. Como em outros casos desse período, a saída da África representou separações, imediatas ou a longo prazo. Mas, nos relatos, manifesta-se a necessidade que o entrevistado tem de manter vivos os laços com os angolanos de sua terra, mais que com os familiares que foram para Portugal, como forma de superar a “perda do paraíso”, como disse outra entrevistada; na reflexão que fez durante a entrevista ele afirma:

(...) tentando fazer um pouco a análise do que aconteceu: quando você emigra por vontade, como eu vejo meu sogro aqui em Santos, meus tios que vieram, meus pais mesmo quando foram para Angola, eles não tinham essa ligação afetiva do querer voltar à terra porque eles saíram da terra porque realmente lá não estava dando o que eles queriam. O nosso caso que fomos praticamente obrigados a sair, embora tenha sido uma decisão de: “está! Nós vamos.” Mas foi um “nós vamos” à custa de uma situação de guerra. A sensação de que alguma coisa foi quebrada, para você. E quebrou uma trajetória de vida que você tinha planejado, você tinha sonhado, de repente ela se quebrou. Então, acho que um pouco, e até os papos que a gente tem nesses chats da internet tem um pouco disso. É um pouco talvez até um saudosismo, embora positivo do tipo: “teria sido muito bom, lá”. Porque a qualidade de vida era espetacular. (A.R.).

A análise desses poucos casos é indicativa do que podemos perceber nas narrativas de outros imigrantes: as memórias remetendo a acontecimentos, pessoas e lugares dos três continentes, através de modos de construção conscientes e inconscientes, de identidades múltiplas. Como já afirmou Pollack (1992: 204) “(...) O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. No caso desses deslocamentos, o trabalho de organização envolve situações mais complexas. Finalizando:

“(...) Se passarmos a compreender que nossas lembranças relacionam-se a quadros sociais mais amplos, compreendemos também que o passado só aparece a nós a partir de estruturas ou configurações sociais do presente, e que memórias, embora pareçam ser exclusivamente individuais, são peças de um contexto social que não só nos contém como é anterior a nós mesmos” (Santos 1998: 155).

Referencias

- Almeida, Paulo Roberto e Koury, Yara Aun. (2001-2002). História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. *História & Perspectivas*, 25-26, 27-54.
- Bastide, Roger. (1983). Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. En M.I.P. Queiroz. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU.
- Demartini, Zeila de Brito Fabri. (2002). Imigração e educação: os portugueses em São Paulo no início do século XX. *Cadernos CERU*, 2(12), 161-169.
- Demartini, Zeila de Brito Fabri. (2006). Infância e imigração: questões para a pesquisa. En M.C. Freitas. (org). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude* (pp.113-153). São Paulo: Cortez.
- Demartini, Zeila de Brito Fabri. (2003). Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. Em M.B. Rocha-Trindade e M.C.S. Campos. (orgs). *Olhares lusos e brasileiros* (pp.157-178). São Paulo: Usina do Livro.
- Demartini, Zeila de Brito Fabri. (2005). Relatos orais, documentos escritos e imagens: fontes complementares na pesquisa sobre imigração. En M.B. Rocha-Trindade e M.C.S.S. Campos. (orgs). *História, memória e imagens nas migrações: abordagens metodológicas* (pp.99-133). Oeiras.
- Demartini, Zeila de Brito Fabri. (1997). Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação. *Cadernos CERU*, 2(8), 9-28.
- Nóvoa, Antonio. (2001). Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1, 161-186.
- Pollak, Michaël. (1986). La gestion de l'indicible. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63, 30-53.
- Pollak, Michaël. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-215.
- Pollak, Michaël e Heinich, Nathalie. (1986). Le temoignage. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63, 03-29.
- Santamaría, Enrique. (1998). Do conhecimento de próprios e estranhos: disquisições sociológicas. En J. Larrosa e N.P. de Lara. (orgs). *Imagens do outro* (pp.47-66). Petrópolis: Vozes.
- Santos, Miriam Sepúlveda dos (1998). Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(38), 151-165.
- Sayad, Abdelmalek. (2000). O retorno. *Revista Travessia* – edição especial / jan.

Historia editorial

Recibido: 22/09/2006

Aceptado: 22/10/2006

Formato de citación

Demartini, Zeila de Brito Fabri. (2006). Reconstruindo identidades múltiplas: imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo. *Athenea Digital*, 10, 137-153. Disponible en <http://antalya.uab.es/athenea/num10/fabri.pdf>.

Zeila de Brito Fabri Demartini. Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1980) . Atualmente é Consultor Ad Hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Directora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Professor Doutor da Universidade Metodista de São Paulo. Membro de corpo editorial da RAU. Revista de Administração Unisal e Membro de corpo editorial da Journal of Immigrant & Refugee Studies. Tem experiência na área de Sociologia , com ênfase em Outras Sociologias Específicas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Educacao de Populacoes Rurais, Sociologia da Educacao, Historia Sao Paulo.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#)

[Texto completo de la licencia](#)